

2009/04/26

**ATENTADOS EM BOMBAIM. LIÇÕES A RETIRAR DO NOVO
MODUS OPERANDI JIHADISTA (II PARTE)**

José Vale Faria[1]

3. A Resposta da Índia

A resposta do governo indiano ao ataque a Bombaim destacou as principais vulnerabilidades nas estruturas de segurança, protecção e defesa que seguidamente se descrevem, num país com mais de mil milhões de pessoas, dezenas de etnias, castas devidamente ordenadas e religiões, dezoito línguas oficiais e mais de trinta estados e regiões, muitos deles palcos de conflitos armados.[2]



3. a. Falhas no Sistema de Informações.

Funcionários dos serviços de informações receberam avisos prévios das suas próprias fontes e dos Estados Unidos que referiam ser provável um grande ataque, mas a falta de especificidade e a incerteza acerca da ameaça parecem ter impedido respostas específicas.[3]

Contudo, parece ter havido pouca coordenação entre os serviços centrais de segurança – a Unidade de Investigação e Análise (Research and Analyses Wing, serviço de informações externo, daqui em diante RAW) a Unidade de Informações (Intelligence Bureau, serviço de informações interno, daqui em diante IB) – e a polícia local de Bombaim.

Embora a Unidade de Investigação e Análise tenha interceptado uma conversa sobre um possível ataque do LeT a Bombaim, por via marítima, não é claro se a polícia local ou a guarda costeira indiana, receberam esta informação. De qualquer forma, não tomaram quaisquer medidas de acordo com a provável ameaça, o que põe em evidência um problema universal – a rápida disseminação de informações, táticas e estratégicas, relevantes para à cautela, se implementarem medidas preventivas de protecção, segurança e defesa. [4]

Além do decrépito estado geral do policiamento, a Índia, tal como muitos outros países, demonstrou graves lacunas na gestão, partilha e difusão das informações, desde a unidade central de informações até às suas homólogas ao nível de estado.[5]

3. b. Lacunas na vigilância do litoral.

Os ataques revelaram a incapacidade da Índia em vigiar e controlar eficazmente a sua costa, uma condição que é comum a muitos Estados ribeirinhos, mesmo em países desenvolvidos. Embora a RAW possuísse informação (aparentemente obtida através de interceptações telefónicas) sobre um eventual ataque terrorista vindo por mar, as medidas que foram tomadas revelaram-se insuficientes para controlar e monitorizar o tráfego marítimo nas imediações de Bombaim.[6]

Esta falha parece reflectir a escassez e a qualidade dos equipamentos de vigilância da costa e da guarda costeira: menos de cem embarcações para mais de oito mil quilómetros de costa e poucos meios aéreos operacionais. Embora o governo central tenha reservado recursos para a compra adicional de vinte e seis navios para patrulhar a costa, o Estado de Maharashtra recusou-os, alegando que lhe faltavam os recursos necessários para a sua manutenção.[7]

3. c. Medidas de defesa passiva inadequadas.

Os detectores de metal colocados no terminal ferroviário de Chhatrapati Shivaji revelaram-se pouco fiáveis e, embora os elementos da Força de Protecção Ferroviária (Railway Protection Force) estivessem armados, o seu armamento era reduzido (uma arma por cada dois funcionários) e relativamente antiquado.[8]

O ataque ao terminal ferroviário também ressaltou as limitações desta força em acção directa com terroristas: Embora tivessem capacidade para enfrentar a criminalidade comum, revelaram uma completa falta de formação no confronto com um ataque terrorista bem orquestrado.[9]

3. d. Execução incompleta dos protocolos de resposta.

Embora a polícia local (incluindo a unidade antiterrorista) respondesse de forma relativamente rápida, foram cometidos alguns erros na resposta a este incidente tático-policial que exigiu uma resposta imediata, desde logo por não ser implementado um posto de comando, para o comando e controlo das operações, assim como, o local do incidente tático-policial não foi devidamente limitado e selado, através de um cordão de segurança.[10]

Como os ataques foram em vários locais, concentrados num raio aproximado de três quilómetros, as forças de segurança demonstraram incapacidade em conseguir isolar a área, o que se verificou posteriormente ser um propósito do comando terrorista, com base em experiências anteriores, o que gerou muitas dificuldades na actuação policial e no comando e controlo das operações – lição que se retira da actuação do comando terrorista.[11]

3. e. Problemas no tempo de resposta.

O contingente local do exército chegou ao teatro de operações às 02:50 horas, cerca de cinco horas após os primeiros disparos. A primeira unidade especial (os Marine Commandos - fuzileiros da marinha indiana) chegou um pouco mais tarde, mas a unidade foi retirada para a retaguarda, sem entrar em acção com qualquer equipa terrorista. [12]

Cerca das 08H50, chegou a elite da Guarda de Segurança Nacional, criada após o assassinato de Indira Gandhi e popularmente conhecidos por gatos negros (Black Cat Commandos), formados de acordo com o padrão do Special Air Service britânico.[13]

As primeiras operações de busca e salvamento foram montadas cerca de 30 minutos mais tarde, e foi apenas a partir deste momento que os terroristas foram verdadeiramente confrontados e empenhados. A lenta resposta desta unidade foi especialmente notada, porquanto foi criada e está vocacionada para intervir em situações de elevada perigosidade, sendo a primeira força de reacção rápida do país.[14]

Daqui ressaltam dois problemas principais, de organização e logístico:[15]

Em primeiro lugar, a unidade está sediada a sul de Nova Deli e não tem bases em qualquer outro lugar do país;

Em segundo, a unidade não possui aeronaves próprias e não pode contar com acesso dedicado à Força Aérea Indiana em situações de emergência.

O único plano que estava disponível para o transporte de duzentos operacionais para Bombaim, era num avião de transporte russo Ilyushin IL-76, contudo estava em Chandigarh, duzentos e sessenta e cinco quilómetros a sul de Nova Deli. Foi ainda necessário acordar o piloto, reunir uma equipa de bordo e abastecer o avião, chegando a aeronave a Deli cerca das 02:00 horas (cinco horas após o início do ataque e com o massacre já consumado) e demorou cerca de três horas e meia para chegar a Bombaim – por comparação, um jacto comercial demora cerca de duas horas. [16]

De acordo com vários peritos em contraterrorismo, qualquer força de intervenção ou reacção rápida num incidente terrorista, deve chegar ao teatro de operações, cerca de trinta ou sessenta minutos, após o início do incidente. Em Bombaim, passaram cerca de dez horas.[17]

3. f. Insuficiente formação em contraterrorismo e inadequado equipamento para a polícia Local.

Para gerir efectivamente um incidente terrorista, os elementos afectos à primeira intervenção têm necessidade de dispor de equipamentos adequados e formação para neutralizar ou, pelo menos, conter os terroristas. No entanto, os ataques em Bombaim, demonstraram como a polícia do Estado de Maharashtra estava insuficientemente preparada para controlar um incidente terrorista com esta magnitude.[18]

Muitos elementos das forças de segurança permaneceram passivos, aparentemente porque tinham um poder de fogo inferior ao do comando terrorista. Os coletes à prova de bala disponíveis, não resistiram às rajadas de AK-47 ou AK-56 (dois lotes falharam testes em 2001 e 2004) e o comandante da unidade anti-terrorista de Maharashtra – Chefe Karkare, morreu junto ao hotel Taj, após três projecteis terem penetrado o colete anti-bala que usava, na zona do peito.[19]

Muitos agentes apenas tinham como protecção, coletes de plástico adequados para restabelecimento e manutenção de ordem pública, mas não para acções terroristas. Os capacetes eram da época da Segunda Guerra Mundial e não foram concebidos para o combate moderno, assim como, a maioria das forças empenhadas nos incidentes estavam armadas com espingardas de repetição, idênticas às utilizadas pelo exército britânico nos anos 1950. [20]

3. g. Limitações dos Bombeiros Municipais e dos Serviços de Emergência.

Os Bombeiros foram lentos na resposta. Não conseguiram coordenar as suas acções com a polícia local, nem com as forças paramilitares, assim possuem equipamentos inadequados. Estas limitações reforçaram a má qualidade dos serviços municipais da Índia, mesmo numa grande e movimentada metrópole, economicamente vibrante como Bombaim.[21]

3. h. Plano imperfeito de libertação dos reféns.

Em vários aspectos, os planos de resgate de reféns usados pela Guarda de Segurança Nacional para os hotéis Taj Mahal e o Oberoi Trident, tinham falhas graves.[22]

O comando da unidade falhou, inicialmente, ao não montar um Posto de Comando Operacional para coordenar a missão, e posteriormente, com o empenhamento “às cegas” das forças de intervenção no assalto, sem terem um conhecimento prévio de qualquer esboço ou croquis básico, de qualquer um dos edifícios.[23]

Os dois hotéis foram declarados “limpos” quando ainda estavam terroristas por neutralizar; assim como, a “limpeza”, compartimento por compartimento, foi dificultada pela insuficiência de informações sobre o número de reféns detidos e o perfil dos terroristas envolvidos.[24] A estas dificuldades, acrescenta-se ainda a impossibilidade de se executar um assalto de surpresa, a coberto da escuridão, pela falta de equipamento adequado, como óculos de visão nocturna e sistemas de imagem térmicos.[25]

3. i. Deficiente comunicação estratégica e gestão da informação.

Durante a crise, o governo central e as forças de segurança não conseguiram projectar uma imagem de segurança e controlo da situação, com as palavras “caos” e “paralisia” a serem usadas repetidamente para descrever os eventos. Esta gestão comunicacional foi tão ineficiente e sem precedentes, a qual motivou uma acção judicial contra o governo, considerando os seus promotores que o governo não cumpriu o seu dever constitucional de proteger os cidadãos e defender o seu direito à vida.[26]

Mais grave ainda foi a violação de protocolos básicos na segurança da informação, ao serem fornecidas informações operacionais vitais aos terroristas. As principais críticas foram dirigidas a um ministro no primeiro dia da crise, o qual alertou os terroristas, após ter anunciado que duzentos comandos da Guarda Nacional seriam colocados no teatro de operações em duas horas, assim como, quando uma missão de salvamento de reféns poderia ser desencadeada, confirmou que nenhuma unidade operacional tinha sido mobilizada. [27]

Após o ataque, o Governo indiano anunciou uma série de reformas destinadas a fazer face a estas lacunas e vulnerabilidades. Em 11 de Dezembro de 2008, o Ministro do Interior, P. Chidambaram, anunciou várias medidas para melhorar a segurança nacional, incluindo a criação de um Comando Costeiro para garantir a segurança dos 7483,4496 quilómetros de costa, a criação de 20 escolas de contraterrorismo e unidades regionais permanentes, a criação de uma agência nacional para investigar suspeitas de actividades terroristas, e o reforço da legislação antiterrorista.[28]

Ainda nesta perspectiva, o Parlamento da Índia tomou medidas para tornar algumas destas reformas uma realidade. Em Dezembro a Câmara Baixa da Índia (Lok Sabha) aprovou nova legislação anti-terrorismo que seria aprovada no dia seguinte pela Câmara Alta (Rajya Sabha), a qual prevê novas competências para os serviços de segurança, incluindo a capacidade de deter suspeitos por seis meses sem acusação. Também prevê a criação de uma Agência Nacional de Investigação com competência para investigar o terrorismo, pesquisar, recolher e tratar a informação. Algumas destas disposições, tais como os longos períodos de detenção sem acusação, têm sido alvo de muitas críticas.[29]

Na sequência da incursão de forças paramilitares paquistanesas em 1999, na região de Kargil-Dras, em Caxemira, o governo indiano prometeu promover reformas para evitar, ou tornar menos prováveis, situações análogas no futuro. Muitas destas mudanças foram propostas no Relatório da Comissão de Revisão Kargil,[30] contudo, poucas dessas medidas foram implementadas. [31]

Em 5 de Janeiro de 2009, a Índia insatisfeita com a resposta até à data, do Paquistão, difundiu um relatório de sessenta e nove páginas, detalhando os vínculos entre os atacantes de Bombaim e o Paquistão, o qual foi enviado ao Paquistão para facilitar a procura de indícios do envolvimento paquistanês.[32]

A Índia ao montar esta ofensiva diplomática, esperava poder persuadir a comunidade internacional, principalmente os EUA, a agir de forma mais enérgica para influenciar o Paquistão a terminar com o LeT, a Jaish-e-Mohammad (daqui em diante JM), e outros grupos militantes que operam no interior e a partir do Paquistão.[33] Esta estratégia viria a dar frutos, porquanto funcionários indianos afirmaram que os ataques "deviam ter tido o apoio de alguns departamentos oficiais, no Paquistão.[34]

4. Implicações

Os atentados em Bombaim colocaram sérias implicações à Índia, Paquistão, Estados Unidos e, em certa medida, à comunidade internacional, apesar de muitas das implicações, para estes actores da cena política internacional, continuarem a ser as mesmas, independentemente do grau de autonomia com que o LeT executou estes ataques, contudo estas implicações podem mudar drasticamente ao ser assumido algum nível de patrocínio estatal.[35]

4. a. Índia

O ataque tem uma série de implicações internas e externas para a Índia. No que diz respeito às relações da Índia com o Paquistão, o governo indiano está convencido de que o LeT é patrocinado por entidades do governo paquistanês, como atestam recentes declarações oficiais. As ligações entre o LeT e a Direcção dos Serviços de Informações do Paquistão são bem conhecidas, assim como, os diferentes campos e escritórios do LeT no Paquistão. Além disso, a Índia tem sido vítima de ataques por vários grupos militantes, apoiados e localizados no Paquistão ao longo de décadas. Com a possível excepção dos grupos militantes associados à Jamaat-Islami, o chamado Kashmir tanzeems foi criado, apoiado, assistido e treinado pelo ISI. Como tal, estes grupos não são estritamente, actores não estatais, mas sim extensões ou antenas do aparelho da inteligência estatal. [36]

O Paquistão após alcançar o estatuto de potência nuclear, fomentou a prossecução de conflitos de baixa intensidade, confiante de que as armas nucleares minimizariam a probabilidade de uma reacção militar indiana.[37]

Na sequência da nuclearização, o conflito infra estatal de baixa intensidade expandiu-se dramaticamente. Em 2001, uma análise do think tank norte-americano RAND, acerca da crise Kargil, considerou que a operação foi possível devido à protecção do guarda-chuva nuclear paquistanês, ao garantir que a resposta convencional da Índia seria condicionada.[38] Do mesmo modo, os grupos que anteriormente estavam limitados ao teatro de operações de Caxemira, na sequência dos ensaios nucleares de 1998, expandiram-se para o hinterland[39] da Índia.[40] Desde então realizaram-se vários ataques notáveis:

Em 2000, o LeT atacou o Forte Vermelho;

AJM atacou o Parlamento Indiano em 2001;

O LeT atacou o metro de Bombaim em 2006, entre muitos outros ataques na Índia.

Além disso, em 2000, o LeT lançou a operação fidayeen em Caxemira e, desde então, disseminou-a em toda a Índia. Por estas razões, a Índia não tolerou (e provavelmente não irá tolerar) a prevalência da posição paquistanesa acerca deste ataque, considerando que tal como em anteriores ataques, estamos perante acções de actores não estatais que o estado não controla. [41]

No futuro próximo, é provável que a Índia continue a ser um alvo dos grupos terroristas sediados no Paquistão, devido, entre outras coisas, à sua incapacidade (e, de facto, da comunidade internacional) em 'impor' ao Paquistão o desmantelamento da infra-estrutura terrorista e conter a expansão da participação de cidadãos indianos na violência islamista, com diferentes níveis de apoio, a partir do Paquistão e Bangladesh[42].

Este ataque destacou também a necessidade de se corrigir inúmeras deficiências na segurança interna da Índia. Existem várias áreas de muito provável e necessária atenção, desde logo, a variação considerável no tamanho, competência e capacidade das várias forças policiais estaduais. No entanto, a Índia tem pouca polícia para a sua população, considerando especialmente que combate várias insurreições activas, para além dos ataques terroristas, lançados a partir do interior e exterior do país. Ajai Sahni, um conhecido analista de terrorismo em Nova Deli, vem denunciando à muito, o baixo rácio de polícia por habitante, cerca de 125 por 100 mil, situação subjacente ao tipo de organização e estrutura policial, na dependência e controlo dos Estados pelo que as forças policiais estaduais variam em capacidade e dimensão. Este valor é quase a metade do rácio recomendado pela ONU para policiamento em situação normal – tempo de paz, muito menos para um país com numerosos focos activos de subversão e terrorismo.[43]

Reformas no sector da segurança após os atentados em Bombaim

Após o ataque a Bombaim no final de Novembro de 2008, Alain Rodier[44] perspectivou algumas reformas significativas para superar as deficiências e vulnerabilidade detectadas.[45]

- Primeiro, o Secretariado do Conselho de Segurança Nacional (National Security Council Secretariat, daqui em diante NSCS), que é o organismo mais elevado de defesa na Índia, deve deixar de ser um refúgio para funcionários aposentados, ali colocados pelas amizades políticas. Devem ser substituídos por executivos e funcionários mais conscientes da evolução da situação actual.
- Reforçar a função do Conselho Consultivo de Segurança Nacional (National Security Advisory Board - daqui em diante NSAB) à semelhança de um think tank, com capacidade para fornecer estudos adequados para o NSCS e o Conselheiro de Segurança Nacional do Primeiro-Ministro (National Security Advisor, daqui em diante NSA). Orientar correctamente a investigação, para responder mais rapidamente e com eficácia às necessidades.
- Criar uma comissão centralizada de informações, responsável pelo acompanhamento permanente das ameaças, especialmente o terrorismo. Na verdade, a Comissão Conjunta de Informações (Joint Intelligence Committee - JIC) criada em 24 de Agosto de 1990 e presidida pelo Secretário do Primeiro-Ministro, reuniu apenas uma vez desde a sua criação.
- Estabelecer uma comissão politicamente independente, com a missão de investigar todos os ataques terroristas sofridos pela Índia desde 2007 (fora de Jammu e Caxemira), para detectar as falhas e vulnerabilidades que tornaram possíveis tais ataques. Será assistida por uma missão permanente do Intelligence Bureau (serviço de informações interno).
- Nomear para os mais altos cargos de responsabilidade dos serviços de informações, internos (IB) e externos (RAW), da polícia e das forças armadas, peritos experientes em terrorismo e contraterrorismo.
- Criar um centro nacional de contraterrorismo na dependência do Conselheiro Nacional de Segurança, que centralizaria todas as decisões operacionais necessárias para a gestão de crises deste tipo. À semelhança de um Estado-Maior Conjunto, teria a tarefa de consolidar e analisar as informações recolhidas pelos diversos serviços de informações e desta forma, evitar a dispersão dos esforços e recursos, na sequência da actuação de vários departamentos da polícia, da Unidade Central de Investigação (Central Bureau of Investigation - CBI, no âmbito do Ministério do Interior) e outras agências.
- Valorizar as competências da CBI. Poderia realizar diligências de investigação, sem a obtenção de autorização prévia dos governos estaduais, porque o IB é um serviço de informações que não tem poderes legais necessários para a realização de inquéritos, exames ou conduzir investigações.
- Os chefes do IB e RAW devem ter acesso directo ao Primeiro-Ministro. Se este tivesse sido informado da ausência e ineficiente reacção da Polícia de Bombaim, em face das informações que lhe foram fornecidas, poderia ter dado as ordens necessárias ao ministro do Estado de Maharashtra.
- O IB deve centralizar todas as ligações com os serviços de informações estrangeiros em matéria de terrorismo. Actualmente, esta tarefa é atribuída à RAW.
- Implementar uma base de dados sobre o terrorismo em que tanto o IB e o RAW tenham acesso. Aumentar a capacidade das acções encobertas da RAW no estrangeiro – única organização com autorização para efectuar tais operações.
- A Guarda de Segurança Nacional, cuja missão principal é a intervenção em situações de elevado risco – actos terroristas, tomada de reféns, sequestros, etc., deve especializar-se nestas intervenções, deixando o serviço de segurança pessoal a altas entidades para outro serviço ou unidade da polícia.
- Pelo menos um batalhão da NSG deve ser atribuído permanentemente, às cidades de Bombaim, Calcutá, Chennai e Bangalore. Contudo, esta dispersão não deverá ser realizada à custa da sua formação específica.
- Rever os procedimentos de emergência e a implantação de unidades da NSG, afectando os meios de transporte adequados, nomeadamente aéreos.
- Implementar na polícia de Bombaim, Calcutá, Chennai e Bangalore, capacidades especiais complementares às da Guarda Nacional de Segurança.
- Alargar a formação de pessoal especializado em negociação e resolução da tomada de reféns, em países amigos, a quadros da polícia e outras autoridades. Neste momento, esta formação é restrita aos funcionários do IB e do RAW.
- Utilizar a experiência dos executivos aposentados do IB e do RAW, partilhando a informação e a sua experiência aos mais jovens.
- Aumentar a capacidade antiterrorista dos postos de polícia localizados em áreas urbanas, mediante a atribuição de um especialista neste domínio.
- Revitalizar a pesquisa de informações pela polícia em locais públicos (estações de comboios, terminais rodo-ferroviários, rodovias, hotéis, aeroportos, etc.), privilegiando o contacto com as pessoas e os diferentes líderes locais. Deve ser ainda desenvolvido um clima de confiança entre as partes e que os responsáveis civis sejam sensibilizados para a ameaça terrorista.
- Erguer uma barreira na fronteira com o Bangladesh.
- Implementar um programa para identificação de imigrantes ilegais, nomeadamente os oriundos do Paquistão e do Bangladesh, com a finalidade de promover a sua expulsão.
- Reforçar as medidas de controlo nas fronteiras, fotocopiando passaportes, verificando os vistos de entrada e as datas de saída, e ainda intensificar a cooperação entre a Marinha e a Guarda Costeira para a monitorização e vigilância da orla costeira.
- Melhorar a segurança das instalações off-shore, das centrais nucleares e das instalações aeroportuárias que podem ser alvo de ataques terroristas.
- Proibir qualquer hotel de acolher cidadãos estrangeiros sem a documentação requerida, assim como, devem ser elaboradas folhas de registo de hóspedes enviadas diariamente para a polícia.

Estas propostas de reformas na Índia, no domínio da luta contra o terrorismo, vão exigir novos meios e sobretudo uma mudança de mentalidade nos responsáveis políticos e do aparelho de segurança. Na verdade, a luta não deve ser confinada à vizinha província do Paquistão e do Bangladesh, mas alargar-se a todo o território. As promoções no âmbito das forças de segurança e das forças armadas devem incidir sobre critérios de competência e não outros. No entanto, perante a situação que prevalece na Índia, estas medidas poderão vir a ter eficácia a longo prazo. Até lá, é provável que outras acções terroristas de grande escala possam ocorrer.[46]

4. b. Paquistão

Para Bruce Riedel[47], o Paquistão é o país mais perigoso do mundo, onde se misturam vários factores que constituem uma mistura explosiva: terrorismo internacional, proliferação nuclear, ameaça de guerra nuclear, tráfico de droga e uma democracia incipiente.[48] Podemos ainda acrescentar a preocupante deriva do Paquistão para Estado falhado que se vem acentuando.[49]

Relativamente ao ataque a Bombaim, ainda é demasiado cedo para avaliar a completa conexão com o Paquistão, porquanto depende em boa medida, da evolução das respostas dos EUA, da Índia, do próprio Paquistão e das acções domésticas contra a miríade de grupos militantes, e a resposta da comunidade internacional. As consequências para o Paquistão, também serão consideravelmente diferentes, dependendo da extensão das ligações entre o ISI e o LeT, em geral, e a realização da operação em Bombaim em particular. A Índia alega que foi necessária a participação dos serviços secretos do Paquistão para a execução do ataque. O primeiro-ministro Singh disse, "existem provas suficientes para mostrar que, dada a sofisticação e precisão militar do ataque, ele deve ter tido apoio de alguns órgãos oficiais, no Paquistão".[50]

Responsáveis indianos e norte-americanos acreditam que o actual governo civil do Paquistão não controla a estratégia dos militares (ou do ISI) relativamente aos grupos militantes que operam no interior e a partir do Paquistão. Perante tal cenário, a maioria dos analistas paquistaneses acredita que a melhor esperança para o Paquistão é civilizar lentamente, ou seja, incrementar e exercer progressivamente o controlo civil, sobre os militares e os serviços de informações, mas são poucos os optimistas em que tal possa, ou venha a ocorrer a curto prazo. Isto coloca um desafio aos Estados Unidos, à Índia, e à comunidade internacional, na forma de exercer, a curto prazo, uma pressão selectiva sobre os militares e os serviços de informações, sem desestabilizar o frágil governo do Paquistão. [51]

Se o LeT opera com um certo grau de cumplicidade entre as forças militares e os serviços de informações, o ataque a Bombaim coloca uma série de implicações perturbadoras: [52]

- Em primeiro lugar, sugere que atacar a Índia com o objectivo de a enfraquecer, continua a ser a ambição de, pelo menos, alguns elementos essenciais e com responsabilidade na estrutura de segurança paquistanesa;

- Em segundo lugar, teria sido um propósito para desvanecer as políticas do Governo na aproximação com a Índia e na luta contra os extremistas nas áreas tribais, assim como, os esforços dos Estados Unidos para intervir na doutrina e formação do Exército Paquistanês. Nesta perspectiva, o ataque pode ter sido planeado para gerar uma resposta militar indiana e aliviar as operações impopulares ao longo da fronteira com o Afeganistão.

Por último e mais importante para os Estados Unidos, será a persistência das ligações entre os serviços de informações paquistaneses e algumas entidades militares com grupos, como o LeT, sugerindo que não podem ser parceiros fiáveis e de segurança. Se o LeT realizou o ataque sem o aval dos militares ou dos serviços de informações paquistaneses, o grupo poderá ter aderido às fileiras de outros grupos militantes que outrora foram satélites do Paquistão, mas actualmente são, em certa medida, cada vez mais hostis. Por exemplo, após 2002, a Jaish-e-Mohammad dividiu-se em duas facções, uma favoreceu como alvos, o Paquistão e os seus aliados ocidentais e a outra, continuou a cooperar com o Estado paquistanês, pelo que poderá o Paquistão estar actualmente, a ser uma vítima dos grupos que criou. [53]

Embora seja duvidoso que o LeT tenha voltado as costas aos seus antigos protectores, tal não é impossível, pois tem importantes fontes externas de financiamento e actualmente é menos dependente do ISI do que no passado – o grupo pode ter decidido que os benefícios em trabalhar com o ISI, cumprindo as suas orientações não justificava as restrições impostas nas suas operações. Por outro lado, o ataque a Bombaim, vai permitir expandir o recrutamento e a obtenção de fundos, assim como, a cooperação mais estreita entre o LeT e a Al-Qaeda no Afeganistão, poderá ter decidido que se atingisse a aliança de "cruzados, sionistas e hindus".[54]

A julgar pelas declarações do presidente Zardari e o atraso na resposta à crise pelo governo paquistanês, se este for relutante em encerrar as actividades do LeT e a sua organização de fachada, a Jamaat ul-Dawa (JuD), o mais provável, é ser constrangido a fazê-lo pelo Exército ou pelos serviços de informações. Em 17 de Dezembro de 2008, o Presidente Zardari negou a credibilidade das provas que diziam que o único atacante sobrevivente, Ajmal Qasab, era paquistanês, apesar da admissão do próprio pai de Qasab. Em 07 de Janeiro de 2009, o Conselheiro Nacional de Segurança Mahmood Durrani, foi demitido porque indicou durante uma entrevista à CNN que os atacantes tinham raízes no Paquistão. O porta-voz do Primeiro-Ministro, Imran Gardaizi, explicou que foi demitido porque "deu entrevistas sobre questões de segurança nacional, sem consultar o primeiro-ministro". Apesar dos desmentidos defendidos pelo governo, este tem empreendido uma série de medidas tardias contra o LeT, assim como foi extremamente relutante na proibição do JuD, mas prometeu fazê-lo após o Conselho de Segurança das Nações Unidas (com o apoio da China) ter proscrito o grupo e o considerar uma organização terrorista - Resolução 1267[55] do Conselho de Segurança da ONU.[56]

Em 11 de Dezembro de 2008, o Paquistão colocou finalmente o líder do JuD, Hafiz Mohammad Saeed, sob prisão domiciliária e encerrou nove escritórios da organização em Lahore, Karachi, Hyderabad, Peshawar e Mansehra, ligado ao ataque a Bombaim, incluindo ainda Qudsia Jamia Masjid – o escritório principal do JuD em Lahore. Contudo não é claro se a polícia terá tomado qualquer medida para encerrar a sede do JuD em Muridke.[57]

Saeed foi previamente colocado sob prisão domiciliária só para ser libertado. Algumas notícias alegaram falta de segurança para impor a sua prisão domiciliária e, um jornal referiu mesmo que se assemelharam a umas "férias forçadas".[58]

Finalmente, em 13 de Dezembro de 2008, o Paquistão proibiu o JuD. No entanto, foram surgindo notícias sugerindo que o JuD se terá reorganizado novamente sob uma nova fachada. Esta resposta lenta do Paquistão permite várias explicações, as quais poderiam estar em jogo, em certa medida, porquanto parte da administração de segurança paquistanesa, provavelmente, ainda poderá visualizar a organização como um activo valioso, em certa medida e, por último, se o governo entender que estes grupos ameaçam o Paquistão e a região, como não controla o aparelho de segurança, tem uma capacidade limitada para suprimir estes grupos, sem tornar vulnerável, a sua própria manutenção no poder. [59]

Estes são tempos perigosos", disse recentemente Muinuddin Haidar, um antigo ministro do Interior paquistanês. Não se referia

apenas ao ataque à academia de Polícia, em Lahore, mas também, ao bombista suicida que matou setenta fiéis numa mesquita, perto da fronteira afegã e à emboscada à equipa nacional de críquete do Sri Lanka, no princípio do mês de Março que causou oito mortes. "É quase uma guerra." [60]

Este tipo de operação, em comando organizado, é um novo patamar de terrorismo, representando uma escalada nas formas praticadas no Paquistão, nomeadamente o usual bombista ou missão suicida, o que justifica a afirmação que o Paquistão se está a tornar um país onde o pior, normalmente, acontece. Como exemplo deste paradigma, no passado dia 03 de Março do corrente ano, um autocarro onde seguia a selecção de críquete do Sri Lanka que se deslocou ao Paquistão no lugar da índiana, numa visita de solidariedade, foi emboscado na baixa de Lahore. Este foi o primeiro grande ataque a uma equipa desportiva internacional desde que militantes palestinos mataram atletas israelitas nas Olimpíadas de 1972, em Munique. [61]

O segundo ataque, com estas características, aconteceu na academia de polícia paquistanesa em Manawan, perto da cidade de Lahore (leste). O ataque começou às sete horas (menos quatro em Portugal) do dia 30 de Março de 2009 e envolveu, segundo a polícia paquistanesa, dez a doze terroristas. Os terroristas armados com espingardas automáticas, granadas e explosivos, uns encapuzados e outros vestidos de polícias, executaram um ataque de surpresa que fez lembrar o atentado contra a equipa de críquete do Sri Lanka, tendo como finalidade a carnificina, de acordo com o exército paquistanês. [62]

4. c. Os Estados Unidos

O ataque a Bombaim veio demonstrar as insuficiências dos esforços dos EUA, na gestão dos seus interesses de segurança no Paquistão e na região. Como é conhecido, na fase inicial da então designada "guerra contra o terrorismo", os Estados Unidos concentraram os seus esforços na manutenção da cooperação do Paquistão na perseguição à Al-Qaeda.

Esta estratégia resultava da convicção dos Estados Unidos na derrota dos talibã, pelo que até 2007, não pressionaram o Paquistão a cooperar nesta luta. Este renovado interesse, resultou em grande medida, do ressurgimento dos talibã em 2005, o qual foi facilitado e potenciado pelos santuários que os talibãs e outros grupos extremistas desfrutavam nas áreas tribais do Paquistão. Washington aplicou apenas uma pressão ligeira sobre o Paquistão para eliminar os grupos que operavam na região de Caxemira, onde se insere o LeT e, de acordo com um assessor bem colocado na Administração Bush, mesmo colocar o grupo na lista de organizações terroristas estrangeiras, foi um desafio porque a administração estava preocupada com a reacção do exército paquistanês. [63]

Num esforço para garantir a cooperação do Paquistão no combate global contra o terrorismo, os Estados Unidos concentraram as suas energias e recursos nas Forças Armadas do Paquistão. Em contrapartida, garantiram o acesso ao solo paquistanês para o apoio e abastecimento logístico (o que ultimamente tem sido dificultado, devido a vários ataques realizados na região de Peshawar [64]) bem como o acesso a bases navais e aéreas para a realização da Operação Liberdade Duradoura. O Paquistão também colocou um número significativo de forças militares e paramilitares, ao longo da fronteira com o Afeganistão, onde têm sido empenhadas em operações, com sucesso variado, contra militantes extremistas considerados uma ameaça para o Estado.

No essencial, as políticas dos EUA não têm garantido um amplo compromisso do Paquistão para eliminar os militantes baseados no Paquistão. Líderes talibã e chefes militares como, Jallaluddin Haqqani, Gulbuddin Hekmatyar, e Baitullah Meshud que reivindicou o ataque à academia de polícia paquistanesa em Manawan [65], entre outros, continuam a operar livremente a partir de solo paquistanês, com total impunidade, e muitos acreditam que os militares paquistaneses e o ISI, os apoiam activamente. Igualmente alarmante, têm sido os ataques do LeT a forças do OTAN nas regiões afegãs de Kunar e Nuristan, pelo menos desde 2007, para além das operações que decorrem contra a Índia, realizadas por uma série de grupos baseados no Paquistão. [66]

4. d. A comunidade internacional

O LeT demonstrou com o ataque a Bombaim, que tem capacidade e vontade em internacionalizar os objectivos e assumir um papel mais importante no vasto panorama da jihad global. Como alguns dos outros grupos militantes no Paquistão, acredita-se que o LeT tenha consideráveis apoios na diáspora paquistanesa, levantando uma série de preocupações aos países com comunidades paquistanesas, como a nossa vizinha Espanha e a Grã-Bretanha. Mais do que nunca, a Índia e os seus aliados precisam de implementar ligações mais estreitas e sólidas em matéria de defesa e segurança, especialmente contra o terrorismo.

No futuro próximo e a manter-se o actual status quo, o Paquistão continuará a ser um destino de treino, para todos os indivíduos que se radicalizem e pretendam obter formação em campos de treino de grupos militantes, constituindo uma ameaça e um desafio permanente à comunidade internacional. O governo indiano, com sucesso, conseguiu que as Nações Unidas tomassem medidas contra o LeT e os seus principais dirigentes, apesar das Nações Unidas poderem ter pouco impacto sobre a capacidade de acção do grupo. Para tal, o voto da China foi necessário para garantir a aprovação, país que desde há muito tempo, tem sido um parceiro fiável do Paquistão, e cujo sentido de voto poderá ter algum impacto em Islamabad. [67]

5. Conclusão

Pelo exposto, podemos afirmar que a Índia continuará a enfrentar uma grave ameaça jihadista, de grupos terroristas internos e externos sediados no Paquistão. No entanto, a Índia não tem opções militares que produzam efeitos a nível estratégico, sem um risco significativo de uma resposta militar do Paquistão, assim como, as políticas da Índia e dos Estados Unidos parecem não ter capacidade para reduzir significativamente a ameaça no curto a médio prazo. A ameaça continuará latente e provavelmente aumentará, havendo inevitavelmente, inspiração e ensinamentos no ataque a Bombaim, como salientou Bruce Riedel.

Os santuários nas áreas tribais, situados ao longo da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, região designada por alguns especialistas como "Al-Qaeda distã" [68], continuam a funcionar como bases de retaguarda por excelência para os grupos terroristas (por exemplo Abu Zubeida, um veterano da Al-Qaeda foi detido em Julho de 2006, num reduto do LeT em Faisalabad, Paquistão), pois permitem aos líderes terroristas recrutar, seleccionar e treinar os seus operacionais, assim como, facilitam as tarefas de planeamento e execução de operações complexas, como o ataque a Bombaim. [69]

A nível estratégico, esta operação salientou a importância do combate às fontes transnacionais do terrorismo islamista na Índia, tarefa sempre extremamente difícil, e que implica a reavaliação dos pressupostos da política da comunidade internacional com o Paquistão. A focalização sobre o Paquistão, neste caso, não deve obscurecer a probabilidade de os atacantes terem recebido assistência local ou ainda que os recentes atentados terroristas na Índia, possam ter sido, total ou parcialmente, planeados e executados por cidadãos indianos, relevando um dos principais objectivos dos terroristas – a radicalização local –, o que é e continuará a ser um grande desafio

político e social para a Índia.[70]

Os 'cérebros' do atentado terrorista a Bombaim demonstraram um sofisticado pensamento estratégico na escolha dos alvos e das táticas, o qual parece ter sido concebido para atingir um conjunto de objectivos políticos. Revelaram uma notável capacidade de inovação e adaptação tática, face às circunstâncias, – o que torna este grupo terrorista, particularmente perigoso e conseqüentemente, dificulta o planeamento e a adopção de medidas de segurança.

Uma das lições mais importantes a retirar desta operação terrorista é a importância do ataque com armas de fogo, do tipo guerrilha urbana. Enquanto o 'mundo do contraterrorismo' se concentrava quase exclusivamente em explosivos, este ataque demonstrou que um ataque com armas de fogo, apesar de não provocar um número de baixas tão elevado, como um atentado à bomba, é uma tática eficaz e, capaz de provocar um caos prolongado num meio urbano. [71]

A retórica jihadista tem afirmado e o ataque a Bombaim demonstrou, inequivocamente, que a sua determinação é maximizar o impacto psicológico dos atentados, pelo que podemos perspectivar que futuros ataques, visarão tanto alvos simbólicos ou emblemáticos, em locais de grande concentração de pessoas, com o objectivo de provocar um elevado número de vítimas e prejuízos económicos.

Desde os ataques contra alvos de elevado perfil – mas permeáveis em termos de segurança – que permitiam planejar e executar ataques, relativamente simples e baratos, estes locais continuarão a ser alvos em ataques futuros, porque a sua protecção coloca desafios complexos, difíceis e particularmente sensíveis, até porque, muitos dos edifícios mais antigos e simbólicos da Índia, não foram projectados e construídos com preocupações de segurança, ou estão em locais demasiado expostos.

A falha do sistema de informações, o inadequado equipamento e treino antiterrorista da polícia local, o atraso na intervenção dos 'gatos negros', um plano de libertação de reféns imperfeito e com lacunas, a deficiente comunicação e gestão da informação, contribuíram para uma resposta pouco eficiente. Estas vulnerabilidades e deficiências sugerem a necessidade de uma melhor coordenação entre as várias forças e serviços de segurança, a nível nacional e local, assim como, o reforço da capacidade de resposta das unidades de primeira intervenção para incidentes tático-policiais de elevado risco. A menos que a Índia possa melhorar a qualidade, o funcionamento e a coordenação do seu sistema de segurança interna, ela permanecerá muito vulnerável à penetração jihadista e a ataques terroristas.[72]

A resiliência e a mutabilidade do LeT constituem verdadeiros motivos de preocupação. A maioria dos grupos terroristas não tem capacidade para sobreviver dez anos em operações, contudo, o LeT ao longo da sua existência, tem crescido em dimensão e capacidade, apesar das proibições dos EUA e do Paquistão, bem como da conseqüente pressão exercida sobre os grupos terroristas, após os atentados de 11 de Setembro de 2001, nos EUA. Conseguiu adaptar-se às mudanças do ambiente político no Paquistão (passagem de democracia a ditadura e regresso à democracia), e tem-se vindo a transformar numa organização com extensas actividades filantrópicas, sem perder a sua capacidade de realizar actos terroristas fora do Paquistão.

Bombaim ilustrou a sua capacidade de planeamento e recolha de informações em ambiente hostil. Detalhes táticos específicos do ataque, como por exemplo o rebentamento de um elevador, a fim de obterem cobertura dentro do eixo do elevador, indicam o nível de profissionalismo que atingiram[73]. O próprio modus operandi do ataque (um desembarque anfíbio) coloca o LeT, em termos de inovação, num patamar idêntico ao dos Tigres Tamil.

Por último mas não menos importante, a ambição da liderança do LeT. Mesmo que a sua agenda tenha sido absorvida pela Al-Qaeda, aspiram alcançar o estatuto de "libertadores" e não aceitam actuar como segundos violinos numa orquestra maior, pelo que devemos estar atentos e preparados para mais ataques deste grupo.[74] Esta ambição global do LeT é citada no londrino The Telegraph, o qual refere que fontes dos serviços de informações ocidentais afirmaram que o LeT tinha uma lista de trezentos e vinte objectivos em todo o mundo e apenas vinte se situam na Índia - dados recolhidos no correio electrónico de Zarar Shah, o responsável pelas comunicações do LeT, que se encontra preso no Paquistão.[75]

Os atentados de Bombaim e a sua espectacular eficácia têm a marca da Al-Qaeda. Com a experiência dos ataques ao hotel Serena em Cabul – Afeganistão e ao hotel Marriott em Islamabad – Paquistão, a Al-Qaeda continua a marcar a agenda política internacional, matando cidadãos ocidentais – de preferência israelitas, americanos ou ingleses – e em locais de luxo e cheio de correspondentes, porque se eliminar cidadãos locais, 'ninguém' quer saber. O terrorista inteligente sabe o que nos aterroriza, mobiliza e emociona. [76]

Um coronel, antigo comandante do Special Air Service britânico, disse que o Reino Unido não tem a quantidade suficiente de forças antiterroristas em Londres, ou noutras cidades importantes, para enfrentar um ataque terrorista, simultaneamente em vários locais, de uma forma sequencial e com elevado dinamismo, como aconteceu em Bombaim.[77] Recentemente, peritos em segurança referiram que ataques idênticos aos de Bombaim, constituem uma grande ameaça para os hotéis de luxo britânicos – os quais são muito vulneráveis –, pelo que deverão reforçar as suas medidas de segurança, à semelhança dos aeroportos.[78]

Entretanto, algures, os terroristas vão experimentando e aferindo a nossa capacidade e qualidade de resposta, tendo conseguido, infelizmente, quase sempre surpreender-nos.

E em Portugal?

6. Cronologia do ataque (hora local)[79]

26 Novembro 2008 (quarta-feira)

21:00 O comando terrorista desembarca em Bombaim, na doca de Sasson.

21:20 Tiroteio no exterior do Hotel Oberoi Trident, em Nariman Point, zona sul de Bombaim. Os terroristas deslocam-se para Nariman House, onde controlam o Centro Chabad Lubavich.

21:30 Tiroteio no exterior do Café Leopold, Colaba, zona sul Bombaim, cerca de 100 metros atrás do hotel Taj Mahal Palace.

21:40 Tiroteio próximo do café Bade Miyan (atrás do hotel Taj Mahal).

21:45 Terroristas entram no hall do Hotel Taj e disparam indiscriminadamente. Tiroteio no interior do Terminal Ferroviário Chhatrapati Shivaji de Bombaim.

22:30 Tiroteio na sede Municipal da Corporation of Greater Bombaim, portão 2, no lado oposto ao Terminal Ferroviário.

22:35 Tiroteio no Hospital Gokuldas, próximo do Terminal Ferroviário.

22:40 Tiroteio no Hospital Cama & Ablers. próximo da Terminal Ferroviário.

22:50 Tiroteio no Cinema multiplex Metro.

23:00 Explosão de um táxi em Vile Parle, devido ao rebentamento de um dos engenhos explosivos improvisado deixados pelos terroristas - zona norte de Bombaim.

23:00 Explosão de um táxi em Mazgaon (Byculla) devido ao segundo engenho explosivo improvisado deixado pelos terroristas).

23:10 Duas explosões na rua Napean Sea, na zona sul de Bombaim.

23:30 Explosão em Dhobi Talao.

27 Novembro 2008 (quinta-feira)

00:30 Tiroteio após uma viatura da polícia ter sido roubada em Dhobi Talao.

01:00 Grande explosão no Hotel Taj, possivelmente causado por duas granadas.

02:00 O Exército chega ao Hotel Taj.

03:00 Irrompe um grande incêndio no Hotel Taj.

09:15 Forças de segurança chegam ao Hotel Oberoi Trident e iniciam o assalto.

10:30 Forças de segurança iniciam buscas, compartimento por compartimento no Hotel Taj.

17:30 Forças da Guarda de Segurança Nacional (NSG) chegam ao complexo de Nariman House. Helicópteros iniciam a vigilância aérea.

28 Novembro 2008 (sexta-feira)

07:30 Forças da NSG assaltam Nariman House.

11:00 Termina a operação no Hotel Oberoi Trident, com a libertação dos reféns.

11:00 Forças da NSG informam a limpeza da secção nova do Hotel Taj.

13:00 Forças de segurança indianas relatam que 30 pessoas morreram no Hotel Taj.

18:00 Informação do fim da operação em Nariman House. No entanto, a estação NDTV informa que um piso ainda não foi limpo.

19:45 Todas as forças da NSG saem de Nariman House. Não foi encontrado nenhum sobrevivente.

29 Novembro de 2008 (sábado)

04:30 Ouvem-se tiros e explosões no Hotel Taj.

07:30 Incêndio irrompe nos andares inferiores do Hotel Taj.

08:50 Fim das operações no Hotel Taj, segundo a polícia indiana.

NOTAS:

[1] Major de Infantaria da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História.

[2] MORAIS, Abel Coelho de, op. cit..

[3] MCELROY, Damien, «Mumbai attacks: US intelligence warned India a strike from Pakistani group was planned US intelligence passed warnings to India that Pakistan-based terrorists would infiltrate its territory by sea to attack Mumbai (formerly Bombay) landmarks, including the Taj Mahal hotel, officials have told American television.», The Telegraph, Londres, 02/12/2008, consultado em 05/01/2009, disponível em

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3541587/Mumbai-attacks-US-intelligence-warned-India-a-strike-from-Pakistani-group-was-planned.html>.

[4] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[5] Idem, ibidem.

[6] Idem, ibidem.

[7] Idem, ibidem.

[8] Idem, ibidem.

[9] Idem, ibidem.

[10] MCELROY, Damien, «Mumbai Attacks: Foreign Governments Criticise India's Response», The Telegraph, Londres, 28/11/2008, consultado em 20/012/2009, disponível em

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3533279/Mumbai-attacks-foreign-governments-criticise-Indias-response.html>.

[11] WORTH, Robert F., «Lack of Preparedness Comes Brutally to Light», The New York Times, Nova Iorque, 03/12/2008, consultado em 08/01/2009, disponível em

<http://www.nytimes.com/2008/12/04/world/asia/04lapses.html?ref=world>, pág. A14.

[12] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[13] RAHMAN, Maseeh, «Biggest test yet for Black Cats, Elite Unit Modeled on SAS», The Guardian, Londres, 29/11/2008, consultado em 06/01/2009, disponível em

<http://www.guardian.co.uk/world/2008/nov/29/mumbai-terror-attacks-terrorism3>.

[14] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit..

[15] Idem, ibidem.

- [16] SUNDARJI, Padma Rao, «India's Lack of Preparedness Raised Mumbai Death Toll», McClatchy Newspapers, Estados Unidos, 03/12/2009, consultado em 15/02/2009, disponível em <http://www.mcclatchydc.com/100/story/57012.html>.
- [17] SUNDARJI, Padma Rao, op. cit.
- [18] Para mais informação cfr. WORTH, Robert F., «Lack of Preparedness Comes Brutally to Light», The New York Times, Nova Iorque, 03/12/2008, pág. A14, consultado em 10/01/2009, disponível em <http://www.nytimes.com/2008/12/04/world/asia/04lapses.html?ref=world>.
- [19] BLAKELY, Rhys, «Top anti-terrorism officer in Bombay was a specialist in 'encounter killings'», The Times, Londres, 28/11/2008, consultado em 19/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5248495.ece>.
- [20] Para mais informação cfr. PAGE, Jeremy, «Outgunned Mumbai Police Hampered by First World War Weapons», Times, Londres, 03/12/2008, consultado em 20/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5276283.ece>.
- [21] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- [22] «Israel - India's Rescue Efforts 'Premature and Badly Planned'», The Times, Londres, 28/11/2008, consultado em 05/12/2008, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5249585.ece>.
- [23] Para mais informação cfr. «Mumbai terror attacks: Commando describes Taj Mahal siege», The Telegraph, Londres, 01/12/2008, consultado em 16/01/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3537891/Mumbai-terror-attacks-Commando-describes-Taj-Mahal-siege.html>.
- [24] PAGE, Jeremy, FRENKEL, Sheera, «Indian Home Minister forced to quit amid public fury at defence failings», The Times, Londres, 01/12/2008, consultado em 23/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5260632.ece>.
- [25] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- [26] SENGUPTA, Somini, «Mumbai Attacks Politicize Long-Isolated Elite», The New York Times, Nova Iorque, 06/12/2008, consultado em 20/03/2009, disponível em <http://www.nytimes.com/2008/12/07/world/asia/07india.html?partner=rss>.
- [27] MCELROY, Damien, BEDI, Rahul, «Mumbai attacks: India accused of bungling anti-terror operation», The Telegraph, Londres, 28/11/2008, consultado em 25/02/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3534349/Mumbai-attacks-India-accused-of-bungling-anti-terror-operation-bombay-india.html>.
- [28] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- [29] Idem, ibidem.
- [30] Para mais informação cfr. Kargil Review Committee's Recommendations - Annex B, disponível em <http://mod.nic.in/newadditions/annexb.pdf>.
- [31] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- [32] Para mais informação cfr. «Mumbai Attacks Evidence» The Hindu Times, disponível em <http://www.hindu.com/nic/mumbaiattacksevidence-1.pdf>.
- [33] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- [34] WARRICK, Joby, DEYOUNG, Karen, «CIA Helped India, Pakistan Share Secrets in Probe of Mumbai Siege», The Washington Post, Washington, 16/02/2009, consultado em 25/02/2009, disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2009/02/15/AR2009021501957.html>.
- [35] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- [36] Idem, ibidem.
- [37] RANA, Javed, «O Perigo de uma Guerra Nuclear», Expresso, 1º caderno, Lisboa, 29/11/2008, pág. 39.
- [38] Para mais informação cfr. «The War on Terrorism - Phase2, Home and Abroad» RAND, Washington, Março de 2002, disponível em <http://www.rand.org/congress/terrorism/phase2/phase2.pdf>.
- [39] Hinterland, palavra alemã que significa terras do interior. Espaço situado atrás de uma região costeira, mais precisamente de um porto. LACOSTE, Yves, «Dicionário de Geografia – Da Geopolítica às Paisagens», Teorema, Lisboa, Setembro de 2005, pág. 210. Também significa Área de Influência – área ou região circundante sobre a qual um lugar central exerce a sua força atractiva e

polarizadora. GARRIDO, Duice, COSTA, Rui, «Dicionário Breve de Geografia», Editorial Presença, Lisboa, Setembro de 1996, pp. 21 e 85.

[40] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[41] Idem, ibidem.

[42] MACÍAS, Miguel Ángel Gayo, «Pakistán Implica a Bangladesh en los Atentados de Bombay», El Mundo, Madrid, 06/02/2009, consultado em 11/02/2009, disponível em

<http://www.elmundo.es/elmundo/2009/02/06/internacional/1233929203.html>.

[43] Para mais informação cfr. RABASA, Angel, [et. al.], op. cit e SAHNI, Ajai, «Mumbai: The Uneducable Indian», South Asia Intelligence Review, Índia, 01/12/2008, consultado em 25/03/2009, disponível em

<http://www.ict.org.il/NewsCommentaries/Commentaries/tabid/69/Articlsid/540/currentpage/3/Default.aspx>.

[44] Alain Rodier é um antigo oficial superior dos serviços de informações franceses. Actualmente é director de pesquisa de informações (CFR2) relativamente ao terrorismo de origem islâmica e a criminalidade organizada transnacional. É autor de numerosos artigos sobre estes temas em revistas especializadas - RAIDS, La lettre Sentinel, etc..

[45] RODIER, Alain, «Reformes Sécuritaires Suite à l'Attaque de Bombay», Raids 273, Paris, Fevereiro 2009, pp. 20 e 21.

[46] RODIER, Alain, op. cit.

[47] Antigo agente da CIA, Bruce Riedel centra-se na transição política, terrorismo e a resolução de conflitos. Foi um conselheiro para três presidentes dos EUA, para as áreas do Médio Oriente e Sul da Ásia. Actualmente, a pedido do presidente Obama está a presidir a uma comissão inter-agências, com o objectivo de rever a política para o Afeganistão e o Paquistão. É autor do livro The Search for al Qaeda: Its Leadership, Ideology, and Future.

[48] RIEDEL, Bruce, «A Nightmare We Cannot Afford in the 21st Century», Der Spiegel, Berlim, 08/12/2008, consultado em 21/01/2009, disponível em

<http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,595148,00.html>.

[49] Para mais informação cfr. SANTOS, José Loureiro dos, «Obama e o Imbrólio Estratégico Indo-paquistanês» Público, Lisboa, 05/12/2008, pág. 47. HIGUERAS, Georgina, «"Pakistán Será un Estado Fallido en Seis Meses si Sigue la Actual Deriva"», El País, Madrid, 24/03/2009, consultado em 28/03/2009, disponível em

http://www.elpais.com/articulo/internacional/Pakistan/sera/Estado/fallido/meses/sigue/actual/deriva/elpepuint/20090324elpepiint_2/Tes.

[50] «Text of Prime Minister's address at the Chief Ministers' Conference on Internal Security», Press Information Bureau, Mumbai - India, 06/01/2009, consultado em 04/04/2009, disponível em

<http://pibmumbai.gov.in/scripts/detail.asp?releaseld=E2009SP2>.

[51] Para mais informação cfr. SCHMITT, Eric, SENGUPTA, Somini, «Ex-US Official Cites Pakistani Training for India Attackers», The New York Times, 03/12/2008, consultado em 05/12/2009, disponível em

http://www.nytimes.com/2008/12/04/world/asia/04india.html?_r=1&ref=world e RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[52] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[53] Idem, ibidem.

[54] Idem, ibidem.

[55] DURAPHE, Ashok T., op. cit.

[56] «Pakistan Fires National Security Adviser», The Independent, Londres, 08/01/2009, consultado em 11/01/2009, disponível em <http://www.independent.co.uk/news/world/asia/pakistan-fires-national-security-adviser-1232428.html> e RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[57] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[58] Idem, ibidem.

[59] Idem, ibidem.

[60] USHER, Graham, «Ataque à Academia de Polícia em Lahore acabou ao fim de oito horas com 18 mortos», Público, Lisboa, 31/03/2009, pág. 12.

[61] Para mais informação cfr. USHER, Graham, «Atentado contra equipa de críquete do Sri Lanka teve a marca dos ataques de Bombaim», Público, Lisboa, 04/03/2009, pág. 14.

[62] Para mais informação cfr. RAPOSO, Lumena, «Operação terrorista faz 12 mortos em academia de polícia», Diário de Notícias, Lisboa, 31/03/2009, consultado em 04/04/2009, disponível em

http://dn.sapo.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1186143&seccao=%C1sia, e GASPAR, José Miguel, «Comando terrorista faz carnificina no Paquistão», Jornal de Notícias, Porto, 31/03/2009, consultado em 04/04/2009, disponível em

http://jn.sapo.pt/paginainicial/Mundo/interior.aspx?content_id=1186181.

[63] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[64] Para mais informação cfr. Jeremy, PAGE, «Islamists Launch Quickfire Strikes on US and Nato Supply Chain», The Times, Londres, 08/12/2008, consultado em 25/03/2009, disponível em

<http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5305958.ece>.

[65] ROGGIO, Bill, «Baitullah Mehsud takes Credit for Pakistan Attacks, Threatens US», The Long War Journal, Estados Unidos da América, 31/03/2009, consultado em 12/04/2009, disponível em

http://www.longwarjournal.org/archives/2009/03/baitullah_mehsud_tak.php.

[66] Idem, ibidem.

[67] Idem, ibidem.

[68] SANTOS, José Loureiro dos, «É urgente pôr fim ao "Al-Qaedaistão"», Público, Lisboa, 28/11/2007.

[69] AHSAN, M. H., «How The Taliban Prepare For Battle?», Useless Knowledge Magazine, Milwaukee, Estados Unidos, 23/05/2007, consultado em 02/04/2009, disponível em

<http://www.useless-knowledge.com/1234/07may/article100.html>.

[70] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

[71] Idem, ibidem.

[72] Idem, ibidem.

[73] Idem, ibidem.

[74] Para mais informação cfr. TELLIS, Ashley J., «Terrorists Attacking Mumbai Have Global Agenda - Pakistan's LeT, not as well known as Al Qaeda, threatens India, the West and even Pakistan», Yale Global, 08/12/2008, disponível em <http://yaleglobal.yale.edu/display.article?id=11695>.

[75] «Mumbai terrorists 'had 320 targets around world' - Lashkar-e-Taiba, the terrorist group accused of the attacks on Mumbai, had drawn up a list of 320 targets around the world, it has been claimed», The Telegraph, Londres, 20/02/2009, consultado em 16/03/2009, disponível em

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/pakistan/4734051/Mumbai-terrorists-had-320-targets-around-world.html>.

[76] ALVES, Clara Ferreira, «O terrorista inteligente», Expresso - Única, Lisboa, 06/12/2008, pág. 144 – Sábado, consultado em 04/01/2009, disponível em <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?sid=ex.secti.ons/23495>.

[77] Para mais informação cfr. RAYMENT, Sean, «Britain unprepared for Mumbai-style attack, former head of SAS says», The Telegraph, Londres, 29/11/2008, consultado em 09/04/2009, disponível em

<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/3535668/Britain-unprepared-for-Mumbai-style-attack-former-head-of-SAS-says.html>.

[78] HOPE, Christopher, «British hotels are vulnerable to Mumbai-style attacks, anti-terrorist officers warn», The Telegraph, Londres, 20/03/2009, consultado em 20/03/2009, disponível em

<http://www.telegraph.co.uk/news/newstoppers/politics/defence/5023968/British-hotels-are-vulnerable-to-Mumbai-style-attacks-anti-terrorist-officers-warn.html>.

[79] RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.